Vida e Obra de Cheikh Anta Diop: o homem que revolucionou o pensamento africano

Alfa Oumar Diallo[1]
Cíntia Santos Diallo[2]

Resumo
Cheikh Anta Diop consagrou sua vida ao renascimento africano e ao federalismo do continente, cuja herança intelectual e científica é reconhecida mundialmente. Nos anos 40, ele iniciou suas pesquisas sobre a África, fazendo uma revolução acadêmica e intelectual, quando sustentou que a África Negra não é um campo histórico sem evolução. A sua obra demonstra a necessidade para a África de um retorno ao antigo Egito em todos os seus domínios: das ciências, da arte, da literatura, do direito etc. A volta histórica, longe de ser concebida como um recuo, introspecção ou simplesmente deletar o passado, permite definir um quadro apropriado de reflexão sobre os problemas aos quais estão confrontados hoje os africanos e trazer soluções. É por isso que toda a obra de Cheikh Anta Diop apresenta-se como a base de um verdadeiro renascimento da África.

Palavras-chave: África. Renascimento. Pensamento africano.

Introdução

Cheikh Anta Diop nasceu em 1923, num vilarejo senegalês, chamado Caytou. Na época, a África estava sob dominação colonial européia depois do período do tráfico negreiro iniciado no século XVI. A violência da qual a África foi alvo, não foi exclusivamente de natureza militar, política e econômica. Teóricos (Voltaire, Hume, Hegel, Gobineau, Lévy Bruhl, etc.) e instituições européias (o instituto de etnologia da França, criado em 1925, por L. Lévy Bruhl, por exemplo) empenham-se para justificar estes atos abomináveis , legitimando, no plano moral e filosófico, a inferioridade intelectual do negro. A visão de uma África sem história cujos habitantes, os negros, nunca foram responsáveis, por definição, de um único fato de civilização, impõe-se agora nos escritos e se fixa nas mentes. O Egito é assim, arbitrariamente, ligado ao Oriente e ao mundo mediterrâneo geográfica, antropológica e culturalmente.

---

[1] Doutor em Direito Internacional pela UFRGS, Coordenador do Curso de Relações Internacionais do UNILASALLE/RS, membro fundador do Instituto Brasileiro de Estudos Africanos – IBEA. E-mail:alfadiallo@via-rs.net

[2] Graduada em História e Pedagogia, Mestre em Educação pela UNISUL/SC, professora da Rede Pública do Estado de Rio Grande do Sul, membro fundadora do Instituto Brasileiro de Estudos Africanos - IBEA. E-mail:cintiadiallo@via-rs.net

Neste contexto singularmente hostil e obscurantista, Cheikh Anta Diop foi induzido a questionar, através de uma investigação científica, metodológica, os fundamentos da cultura ocidental em relação à gênese da humanidade e da civilização. O renascimento da África, que implica a restauração da consciência histórica, aparece para Cheikh Anta Diop como uma tarefa inevitável à qual ele consagrará toda a sua vida.

I – Os primeiros passos do Cheikh Anta Diop

O jovem Cheikh Anta Diop "corre o risco, pela má disposição do seu professor, o Senhor Boyaud, de repetir pela terceira vez o último ano do primeiro grau, o que motivaria sem sombra de dúvida a sua exclusão do liceu. O Senhor Boyaud é um professor singular, cujo tive a oportunidade, desde seus primeiros passos no liceu, em constatar sua hostilidade à nossa raça, às autoridades. Suas teorias sobre a raça, que fazem dele um discípulo de Gobineau, são das mais perniciosas e fazem com que aumente o abismo entre o negro e o branco cada dia..."[3]

Esta carta, redigida em agosto de 1941, por um dos responsáveis da administração do liceu Van Vollenhoven de Dakar, foi endereçada para o inspetor geral do ensino na África Ocidental Francesa (AOF). O Senegal não existia ainda e o clima que reinava no meio do ensino, assim como na pesquisa universitária, estava fortemente imbuído de colonialismo e de racismo anti-negro.

Cheikh Anta Diop pegou o contra-pé teórico deste meio solidamente estabelecido na universidade francesa: primeiro pela apresentação da sua tese, que foi recusada, depois pela publicação, em 1954, de seu livro 'Nações Negras e Cultura'.

O livro soa como um trovão no céu tranqüilo do "estabelecimento" intelectual: o autor faz aí a demonstração de que a civilização do Egito antigo era negra-africana, justificando os objetivos de sua pesquisa nestes termos:

> A explicação da origem de uma civilização africana se torna lógica e aceitável, séria, objetiva e cientifica, somente se a gente chegasse, por qualquer via, a este branco místico cujo não temos a menor preocupação para justificar a chegada e a instalação nessas regiões. Entendemos, sem dificuldade, como os sábios deviam ser conduzidos no seu raciocínio, nas suas deduções, lógicas e dialéticas, à noção de "brancos de pele negra", muito expandida no meio dos especialistas da Europa. Tais sistemas são evidentemente sem futuro, pois lhes faltam uma base real. Eles se explicam somente pela paixão dos seus autores, a qual aparece sob as aparências de objetividade e de serenidade.[4]

[3] Lettre datée du 7 août 1941, Dossiê Cheikh Anta Diop, Aquivos Nacionais do Sénégal, Dakar.

[4] Cheikh Anta Diop, Nações Negras e Cultura, t. I, Presença Africana, pág. 103, Paris, 1954.

A obra incomoda os guardiões do templo, não somente por que Chiekh Anta Diop propôs a "descolonização" da história africana, mas também porque o livro criou uma "Historia" africana e colocou-se nas fronteiras do engajamento político, analisando a identificação das grandes correntes migratórias e a formação das etnias; a delimitação da área cultural do mundo negro, que se estende até a Ásia Ocidental, no Vale do Indus; a demonstração da aptidão das línguas africanas para suportarem o pensamento cientifico e filosófico e, fazendo, pela primeira a transcrição africana não etnográfica destas línguas.

Quando da sua publicação, o livro pareceu tão revolucionário que poucos intelectuais africanos tiveram a coragem de aderirem à causa. Somente AIMÉ CÉSAIRE entusiasmou-se, em seu discurso sobre o colonialismo, evocando "o livro mais audacioso que um negro jamais escreveu"[5]. Foi preciso também esperar vinte anos para que grande parte de suas teorias fossem reconhecida, durante o colóquio internacional do Cairo de 1974, organizado pela UNESCO e que reuniu os mais eminentes egiptólogos do mundo inteiro[6].

E mais de vinte outros anos, para que sua obra fosse levada em consideração, isso após sua morte. Algumas idéias de Cheikh Anta Diop, principalmente a historicidade das sociedades africanas, a anterioridade da África e da africanidade do Egito, não são mais discutidas[7].

II – O embate acadêmico

Em uma época em que jovens intelectuais africanos, decepcionados pelo conceito de negritude, buscavam uma ideologia negra e militante de substituição, para Cheikh Anta Diop, uma das condições da federalização do continente passou pela consciência. Renovando a história, uma consciência histórica aos africanos, ele desejou sobretudo restabelecer suas dignidade. Quem poderia acusá-lo de tal iniciativa, assim como as ideologias que ele combatia?

Ao lado do "entendimento cordial", a controvérsia girava em torno de três pontos importantes: Cheikh Anta Diop era acusado por seu egito-centrismo; pela importância acordada à noção de raça; pela grande influência de seu combate político sobre suas teorias científicas. Sua obra ficou impregnada de ideologia. É preciso relembrar, como fez o Senhor Aboubacary Moussa Lam, professor da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Dakar, que "Cheikh Anta não escolheu seu terreno de combate: ele somente respondeu aos debates da sua época".

---

5 Aimé Césaire, Discurso sobre o colonialismo, Presença Africana, pág. 25, Paris, 1955.

6 Joseph Kizerbo – Historia geral da África. Estudos e documentos, volume I, pág. 85, Unesco, Paris, 1978.

7 Atos do colóquio "A obra de Cheikh Anta Diop: o renascimento da África na vespera do terceiro milênio», Dakar-Caytu, 26 février-2 mars 1996.

Ainda que ele não consiga contestar as idéias do intelectual sobre a origem africana da humanidade, o Senhor PATHÉ DIAGNE, lingüístico-editor não "divide mais seu egito-centrismo. Com este recuo, é como se ele não tinha se enganado sobre o Egito mas vislumbra-se que ele tinha estudado somente o Egito". Um ponto de vista compartilhado com o Senhor AMADY ALY DIENG, professor e antigo companheiro de Cheikh Anta Diop: "Como Senghor, e talvez aí que está o único ponto de convergência, ele continua mediterrâneo-centrista na sua análise da historia africana. O primeiro colocando a Grécia no centro e o segundo o Egito. E se ele não desenvolve uma visão transatlântica, é para valorizar a cultura negra. É por isso que ele silencia sobre o tráfico negreiro."

Encontra-se uma crítica em IBRAHIMA THIOUB, historiador moderno: "Mesmo se o tráfico e a colonização representam um segundo olhar da historia egípcia, é impossível fazer tabua rasa neles. Pois é a nossa historia também e a nossa atualidade, senegaleses e africanos. É por isso que suspeito dele ter acordado muita importância ao Egito, em toda fé, sem se dar conta."

Em outro plano, se a divisão da humanidade em raças e o fundamento da distinção branco/negro são considerados como provenientes de uma raciologia antiga, refutada pelo desenvolvimento da genética, pergunta-se em qual medida se pode acusar Cheikh Anta Diop de utilizar a terminologia da sua época. O senhor Alain Froment, antropólogo na Orstom, explica que o físico "ficou durante muito tempo fiel a separação racial que existia na primeira metade do século XX o que a genética praticamente desmantelou há muito tempo [8]". Em relação à genética ele evoca as datas de 1982 e 1984, ou seja quatro e dois anos antes do falecimento de Cheikh Anta Diop, portanto muitos anos após a publicação das suas principais obras.

Como demonstraram os Senhores Mamadou Diouf e Mohamed M´Bodj, dois intelectuais senegaleses: "Poder-se-ia admitir a acusação de racismo (...) se os danos causados em nome da "raça" se encontravam de forma igual de um lado e do outro, o que evidentemente não foi o caso. Outrossim, este "racismo negro" teria um valor se ele pudesse criar um complexo de culpabilidade nos europeus, o que não era o objetivo de Cheikh Anta Diop. Assim como ele não procurava confortar uma crença popular; ele escreveu para uma elite fortemente convencida da igualdade da espécie humana."[9]

Por isso, é incontestável que ele utilizou-se das mesmas armas que seus "adversários científicos", portanto não podemos acusar Cheikh Anta Diop de racismo. Os testemunhos são unânimes para apresentá-lo como

[8] Alain Froment, « Origem e evolução do homem no pensamento de Cheikh Anta Diop : uma análise crítica », Cadernos de estudos africanos, Paris, no 121- 122, 1991.

[9] Mamadou Diouf, Mohamad Mbodj, « The Shadow of Cheikh Anta Diop », in The Surreptitious Speech. Présence africaine and the Politics of Otherness, 1947-1987, The University of Chicago Press, pág. 185, Chicago, 1992.

uma grande figura do humanismo: "O problema, ele explica na sua intervenção no colóquio de Atenas, organizado pela UNESCO, em 1981, precisa-se reeducar a nossa percepção do ser humano, para que ela se depreende da aparência racial e se polarize sobre o homem desprovido de todos os coordenados éticos" "Eu não gosto de usar a noção de raça (que não existe) (...). Não devemos dar uma importância obsessiva a noção de raça. É o azar da evolução."[10]

De fato, Cheikh Anta Diop, sonhava discretamente a síntese entre a pureza e a mestiçagem cultural. "A plenitude cultural torna um povo mais apto para contribuir ao progresso geral da humanidade e para se aproximar de outros povos em conhecimento de causa."[11] Hoje os discípulos do "Último dos faraós" (Théophile Obenga, Aboubacary Moussa Lam etc.) continuam a defender com brilho os resultados da sua pesquisa, mais clara, cinqüenta e três anos após a publicação da obra "Nações Negras e Cultura". Os principais temas desenvolvidos em seu livro são ainda de atualidade.

É verdade que o contexto da época (1954) era um terreno propício às manipulações, pois, até 1848, a escravidão estava ainda na prática legal da Europa. Também a segregação racial estava ainda em vigor em países como os Estados Unidos da América e a África do Sul, sem contar a colonização que estava em seus últimos anos.

III – A África Berço da Civilização?

Para falar dos traços físicos do negro, os argumentos de um cientista ocidental tão "sério" como Champollion-Figeac sustentavam, entre outros, não sem provocar o sorriso brincalhão de Cheikh Anta Diop, que "(...) estas duas qualidades físicas (os cabelos crespos e a pele negra) não são suficientes para caracterizar a raça negra (...)" [12]

De fato, nesta iniciativa tão laboriosa quanto desesperada, Champollion queria sustentar os resultados de um cientista francês de boa-fé, o Comte de Volney (1757-1820), que tinha observados nos Coptes – o povo do qual se originaram os faraós – os mesmos traços do celebre Sphinx descoberto no Egito. "(......) A colonização de Volney, relativa à origem antiga da população egípcia é forçada e inadmissível" diria arbitrariamente Champollion, sem argumentos. "Este Champollion

[10] Conferência do Centro Georges-Pompidou, 7 de junho de 1985, Normandia, Paris no 1-2, 1990, Martin Bernal, Black Athena, The Afroasiatic Roots of Classical Civilization, tomes I et II, Rutgers University Press, New Brunswick, 1988-1991. Voir aussi : Théophile Obenga, Cheikh Anta Diop, Volney e o Sphinx, Presença Africana e Khepera, Paris, 1996. Revista Ankh, Edições Khepera, BP 11, 91192 Gif-sur-Yvette Cedex.

[11] Cheikh Anta Diop, Anterioridade das civilizações negras: mito ou verdade histórica? pág. 120, Presença Africana, Paris 1967.

[12] CHAMPOLLION-FIGEAC, Egito antigo. Paris, Firmin-Didot, 1839, Um volume *in* 8°, 500 pp.

tornou-se daltônico" pensou o homem que revolucionou o pensamento negro, pois, com toda evidência , estávamos longe das leis cientificas. É por isso que o cientista senegalês retrucou, dizendo que "agora não bastava só ser negro da cabeça aos pés e ter cabelos crespos para ser negro!" Champollion Figeac era o irmão de Champollion o jovem – o primeiro cientista ocidental que conseguiu decifrar os hieróglifos – mas ele usou esta façanha para contornar uma realidade da época: os traços negros dos antigos egípcios.

Estes seres selvagens que capturavam no mato para abarrotá-los como gado nas caravelas em destinação à América, "estes homens aos rostos sombrios", segundo a expressão favorita dos racistas – ignorados e humilhados, são aqueles que deram ao mundo as bases da civilização. Inacreditável! Inadmissível! Quem acreditaria nisso? Champollion não foi o único, infelizmente, nesta tarefa de provar cientificamente a inferioridade intelectual e cultural dos negros.

Os fatos relembrados e as provas trazidas por Cheikh Anta Diop não deixam nenhuma dúvida que foram os negros que expandiram a civilização nos outros povos do mundo, primeiro através da Núbia – atual Sudão – (em torno de 6000 a.C) e depois no Egito (em torno 4000 a.C), portanto muitos milênios antes da Grécia (em torno de menos 2000 a.C) e mais tarde na Roma (em torno de menos 700 a.C).

Não satisfeito, Comte de Gobineau, idealizador do nazismo no estado bruto, com seu pseudo-cientificismo queria explicar o porquê da superioridade da raça branca sobre os negros e os outros [13]. Uma celebridade como Pierre Larousse, numa de suas teses sobre a arte africana, afirma de forma peremptória que "o cérebro dos africanos tem o mesmo desenvolvimento que o cérebro do macaco, um outro elemento que comprova o seu lado animal e sua fraqueza intelectual" E prossegue afirmando "o cérebro dos negros é menor, mais leve e menos volumoso que o cérebro do branco, e como em toda a série animal, a inteligência tem uma ligação direta com as dimensões do cérebro, do número e da profundeza". Outros "africanistas", como Maurice Delafosse, Suret Canale, etc., mesmo sendo mais cautelosos e mais moderados do que Gobineau ou Larousse, negaram a evidência.

Neste contexto, não seria uma surpresa ver o mundo cientifico ocidental, perder a cabeça e ficar impotente diante da antítese de suas teorias, trazida por um jovem negro. O cientista Cheikh Anta Diop (matemático, físico, químico, egiptólogo, historiador, lingüístico), além de destruir as teses mais "sólidas" que queriam que a civilização viesse do mundo ocidental, provou que todos os homens são iguais, qualquer que seja sua raça. Por conseqüência, a colonização e, pior, a escravidão não podem servir de justificativa. Pois além da dívida moral devida aos negros

---

[13] Joseph-Arthur (Comte de) Gobineau (1816-1882), Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas (1853-1855). Paris: Edições Pierre Belfond, 1967, 878 pages.

e longe de um apagão do passado, é necessário reescrever a verdadeira historia da humanidade.

IV - O testemunho dos sábios gregos

Numa busca lógica, Cheikh Anta Diop trouxe os testemunhos dos antigos gregos (Hérodote, Strabon, Diodore de Sicile, etc.), esses mesmos que são testemunhas oculares da civilização egípcia. Querendo explicar o fenômeno das inundações do Nilo, Hérodote, considerado o pai da Historia, escreveu, em relação ao Egito: "(...) a terceira razão vem do fato de que o calor do lugar torna as pessoas pretas...." [14]. O mesmo Hérodote prosseguiu, para sublinhar a origem egípcia na base grega, afirmando: "(....) E quando eles acrescentam que esta silhueta era negra, ele nos faz entender que esta mulher era egípcia ....." O sábio grego disse o mesmo em relação aos habitantes de Colchide (aos redores do atual Mar Negro, perto da Turquia) pois queria sublinhar a origem egípcia. "(....) Os egípcios pensam que estes povos são descendentes de uma parte das tropas de Sésostris. [15] Eu lhes examine sobre dois índices : o primeiro é que eles são negros e que eles têm cabelos crespos ..... "[16].

Outros cientistas gregos da antiguidade - Strabon, Pythagore, Thalés, Euclide, Diodore - a maioria dos quais se iniciou no Egito, confirmaram os testemunhos de Hérodote. Mesmo se alguns, notadamente Platão, tenham omitido a informação sobre a fonte de seus conhecimentos (reconhecendo todos sua iniciação no Egito, em todas as áreas das ciências de sua época!), os papiros redigidos pelos sacerdotes negros que resistiram ao tempo provam que foi atribuída, por engano, aos gregos a paternidade das descobertas do Egito antigo. Cheikh Anta Diop revele que uma personagem como Strabon não hesitou em tratar Pythagore de "vulgar plagiador".

Cheikh Anta Diop sustentou sua tese sobre os fundamentos lingüísticos, então científicos, fazendo a demonstração do parentesco genético entre o Egito antigo e as línguas negro-africanas [17], colocando o acento sobre vários ritos, tradições, religião e costumes negros que sobreviveram além do Egito antigo. Buscou-se, sem sucesso, os mesmos traços no ocidente. Melhor ainda são os argumentos fornecidos pelos próprios egípcios, que se representavam como negros, fato reforçado por novas técnicas de pesquisa, tais como o carbono 14 para a datação, mas

---

[14] Hérodote – Historia tradução do grego por Larcher ; com notas de Bochard, Wesseling, Scaliger.. [et al.] Paris : Charpentier, 1850

[15] Sésostris é a forma grega do nome de trÊs faráos da XIIª dinástia do Império. O nome egipcio, Sénousert , significa « aquele da deusa Ousert ». Ele faz parte da composição do título real como nome de Sa-Rê ou *nomen*.

[16] Hérodote, Livro II

[17] Parentesco genêtica do egito faraonico e das línguas negro-africanas, pág. 40, IFAN NEA, 1977)

também pela química, pela antropologia, pela arqueologia, pela paleontologia.

Alguns ideólogos ocidentais tentaram elaborar uma nebulosa teoria da civilização hamite ou chamite, perdendo de vista a referência ao Cham (um dos filhos de Noé, o patriarca da Bíblia), uma personagem que foi amaldiçoada, segundo esses mesmos ideólogos). Segundo a Bíblia, Cham teria sido o primeiro negro. Os hamites teriam sido, segundo os defensores da "civilização branca", uma ramificação desta civilização ocidental que eles queriam apresentar como precursora da civilização humana. Em outros termos, num momento em que o conceito de civilização não existia no espírito dos ocidentais, os hamites colocaram as bases da civilização nos negros.... antes de desaparecerem.

O obstáculo principal a este tipo de masturbação intelectual é que em nenhum lugar no mundo, encontraram-se, pelo menos nos defensores da "raça branca", traços de civilização, que domine, ao mesmo tempo, a geometria, a arquitetura, a aritmética, a química, a astronomia, etc., na época do Egito antigo negro e pelo menos até dois milênios depois do surgimento desta civilização. Durante muito tempo, o Egito foi, portanto, o único centro intelectual do mundo.

A estas teses fantásticas do hamite "civilizador", a resposta de Cheikh Anta Diop foi estrelada: "(.....) Vê-se então que, dependendo da causa e da necessidade, Cham é maldiçoado, preto e se torna o ancestral dos negros. É o caso toda vez que se fala das relações sociais contemporâneas. Mas ele é embranquecido toda vez que se busca a origem da civilização, pois ele está presente no primeiro país civilizado do mundo" [18].

Uma das manobras mais grotescas por parte dos cientistas ocidentais foi, sem sombra de dúvida, a criação de todas as peças do crânio de um "homem", para reforçar a tese da raça branca.

V - A nova aproximação

Até seu falecimento, em 1986, Cheikh Anta Diop, sempre defendeu a tese, segundo a qual, foi o negro que migrou em direção aos outros continentes para se adaptar a estes locais, em todos os estágios da evolução do homem, inclusive o do *homo sapiens sapiens* (que corresponde ao homem moderno). É assim que as outras raças teriam aparecido. O fóssil de Homo Sapiens mais antigo da época, segundo Cheikh Anta Diop, é um negro (Omo I, em torno de – 150.000 A.C) e as outras descobertas sobre os continentes são do tipo negróide (Homem de Grimaldi, etc.).

A tese de Cheikh Anta Diop não foi desmentida pelas recentes descobertas. Segundo a revista "A Historia", de dezembro de 2004, os pesquisadores acharam, em 2003, um novo fóssil.... na Etiópia! A revista

[18] Nações negras e cultura.

indica que o fóssil apresenta-se “sob a forma de centenas de fragmentos, os restos de dois adultos e de uma criança foi atribuído por Tim White a um *Sapiens: Homo Sapiens* Idaltu – esta última palavra significa ′antigo ′ na língua local.... Ele foi datado de 160.000 anos”. Conclusão: “Eis então o mais antigo *Homo Sapiens* conhecido nos nossos dias”.

Se, todavia, a quase totalidade dos cientistas do mundo concordam hoje sobre a origem africana do homem, eles não compartilham com as vias escolhidas por Cheikh Anta Diop. Uma personalidade científica como o francês Yves Coppens, que fazia parte do grupo que descobriu o esqueleto *australopithecus* o mais antigo, até os nossos dias (3,2 milhões de anos) é da teoria do policentrismo. Em outras palavras o Sr. Coppens tende para a teoria que quer demonstrar que houve uma separação no estágio do *homo erectus* (“o homem de pé”, anterior ao *Homo Sapiens Sapiens*) e que muito centros humanos desenvolveram-se em vários lugares do mundo no estágio do *Sapiens*.

Conclusão

Mesmo se o debate esteja aberto, neste estágio da pesquisa, ele não resolve o problema da origem da civilização. Querendo sanar todas as dúvidas sobre os traços negros de Ramsés II (uma das múmias mais conservadas), apesar das provas trazidas hoje pela arqueologia (pintura, estatuetas, língua etc.), Cheikh Anta Diop revelou em sua obra “Civilização e Barbaria” que ele solicitou às autoridades egípcias, à margem do congresso científico de 1974, alguns milímetros da pele do faraó para fazer testes laboratoriais. Ele não teve êxito, sob o argumento de não tocarem na integridade física da múmia.

Durante toda a sua vida, o pesquisador senegalês confrontou-se com este tipo de manobras. O seu principal objetivo era provar a raça negra dos antigos egípcios que fundaram a primeira civilização do mundo.

Recebido em agosto de 2008

Aprovado em outubro de 2008.

Title: Life and Works of Cheikh Anta Diop: The Man Who Revolutionized the African Thinking

Abstract

Cheikh Anta Diop, whose intellectual and scientific inheritance is recognized world-wide, dedicated his life to the African renaissance and federalism of the continent,. In the 40s, he initiated his research on Africa, making an academic and intellectual revolution, when he asserted that black Africa was not a historical field without evolution. His work demonstrates the necessity for Africa to a return to old Egypt in all its areas: sciences, art, literature, law etc… The historical return, far from being conceived as recoil, introspection, or simply erasure of the past, allows us to define an appropriate contemplation about problems which the Africans face nowadays, and bring solutions. Therefore, that is the reason Cheikh Anta Diop’s works are the base of a true African Renaissance.

Key words: Africa. Renaissance. African thinking.

REFERÊNCIAS

Lettre datée du 7 août 1941, **Dossier Cheikh Anta Diop**, Archives nationales du Sénégal, Dakar.

DIOP, Cheikh Anta, **Nations nègres et culture**, t. I, Présence africaine, Paris, 1954.

CÉSAIRE, Aimé, **Discours sur le colonialisme**, Présence africaine, Paris, 1955.

(6) KIZERBO, Joseph, **Histoire générale de l'Afrique**. Etudes et documents, volume I, Unesco, Paris, 1978.

Actes du colloque « **L'oeuvre de Cheikh Anta Diop: la renaissance de l'Afrique au seuil du troisième millénaire** », Dakar-Caytu, 26 février-2 mars 1996.

FROMENT, Alain, « **Origine et évolution de l'homme dans la pensée de Cheikh Anta Diop : une analyse critique** », Cahiers d'études africaines, Paris, no 121- 122, 1991.

DIOUF, Mamadou, MBODJ, Mohamad, « **The Shadow of Cheikh Anta Diop** », in The Surreptitious Speech. Présence africaine and the Politics of Otherness, 1947-1987, The University of Chicago Press, Chicago, 1992.

Conférence du Centre Georges-Pompidou, 7 juin 1985, Nomade, Paris no 1-2, 1990, Martin Bernal, **Black Athena, The Afroasiatic Roots of Classical Civilization**, tomes I et II, Rutgers University Press, New Brunswick, 1988-1991. Voir aussi : Théophile Obenga, Cheikh Anta Diop, Volney et le Sphinx, Présence africaine et Khepera, Paris, 1996. Revue Ankh, éditions Khepera, BP 11, 91192 Gif-sur-Yvette Cedex.

DIOP, Cheikh Anta, **Antériorité des civilisations nègres : mythe ou vérité historique ?** Présence africaine, Paris 1967.

CHAMPOLLION-FIGEAC, **Egypte Ancienne.** Paris, Firmin-Didot, 1839, Un Volume In-8° , 500 pp.

GOBINEAU, Joseph-Arthur (Comte de) (1816-1882), **Essai sur l'inégalité des races humaines** (1853-1855). Paris: Éditions Pierre Belfond, 1967, 878 pages.

LARCHER, **Hérodote - Histoire** ; avec des notes de Bochard, Wesseling, Scaliger.. [et al.] Paris : Charpentier, 1850

(Rodapé: **Sésostris** est la forme grecque du nom de trois pharaons de la XII^e^ dynastie du Moyen Empire. Le nom égyptien, Sénousert , signifie « celui de la déesse Ousert ». Il entrait dans la composition de la titulature royale en tant que nom de Sa-Rê ou *nomen*.)

Hérodote, Livre II.

DIOP, Cheikh Anta, Parenté génétique de l'égyptien pharaonique et des langues négro-africaines, IFAN NEA, 1977)

DIOP, Cheikh Anta, Nations Nègres et Culture.